

# CERÂMICA COMUM EM TONGOBRIGA

por

Lino Dias\*

**Resumo:** Parte-se de um horizonte de cerca de 3.000 fragmentos cerâmicos estratigrafados em *Tongobriga*.

Algumas análises permitem reconhecer os constituintes das pastas consideradas como “modelos” nas diferentes técnicas de fabrico dessas cerâmicas.

Cumulativamente é feito o inventário dos materiais depositados em museus regionais e nacionais e que pertenciam a sítios arqueológicos romanos da região de Entre-Douro-e-Minho.

Com base nestas diversas vertentes reflecte-se sobre as noções de comércio regional e local e possíveis eixos comerciais existentes entre o séc. I e séc. IV d.C.

**Palavras-chave:** *Gallaecia*. *Tongobriga*. Cerâmica.

O estudo da economia regional do território de *Tongobriga*<sup>1</sup> obrigou-nos naturalmente a analisar os produtos de consumo e os objectos e utensílios de uso diário. Se muitos desses produtos e utensílios eram provenientes de “fábricas” bem conhecidas e resultado de “importações”, outros utensílios e produtos eram provenientes e fabricados na região. Destes, seleccionamos a cerâmica.

Porque este trabalho tem por base as estratigrafias de *Tongobriga*, e apesar de estarem ainda indefenidos os limites do território desta *civitate*, decidimos debruçarmo-nos sobre o espaço, algo difuso, com um raio de cerca de 20 milhas, distância que podia ser feita num dia por carro nas estradas que conhecemos da região.

Incluimos também os elementos provenientes de escavações de sítios que, embora situados fora deste limite, a ele estão ligados por estrada ou troço de rio facilmente navegável. Observamos ainda espólio proveniente de recolhas ocasionais, actualmente depositado em museus.

---

\* Arqueólogo do IPPAR.

<sup>1</sup> Cidade romana em estudo. Este sítio arqueológico afecto ao Estado, através do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, situa-se na Freguesia de Freixo, Concelho de Marco de Canaveses, Distrito do Porto.

Trata-se de um trabalho em curso, não exaustivo. O que apresentamos é um estado da situação.

A amostragem agora apresentada para além da cerâmica de *Tongobriga* é demonstrativa de espólios de Croca (Penafiel)<sup>2</sup>, Valbeirô (Castelo de Paiva)<sup>3</sup>, Várzea do Douro (Marco de Canaveses), Lufrei, Couraceiro, Campinho do Muro, Carvalho de Rei, Ataúdes, Gondar e Cepelos (Amarante), Parada de Cunhos (Vila Real).

Foram observadas cerca de 5000 peças de cerâmica denominada comum, das quais cerca de 10% inteiras.

Neste trabalho propõe-se uma análise formal e estilística com vista à descrição das peças e apresentam-se alguns fabricos. No estado em que se encontra este estudo identificamos 14 fabricos, que denominamos “grupos cerâmicos”.

Para todos estes grupos cerâmicos apontam-se parâmetros cronológicos recolhidos nas estratigrafias de *Tongobriga*.

## ANÁLISE FORMAL E ESTILÍSTICA

Confrontados com grande quantidade de espólio cerâmico, vulgarmente denominada “comum romana” procuramos fazer a sua descrição de modo uniforme, claro e sintético, identificando facilmente os diferentes elementos. Algumas reflexões (ALARCÃO 1979) e experiências de normalização aplicadas a cerâmicas arqueológicas portuguesas de diversas cronologias (ALARCÃO 1974) (LITTLE 1990), bem como outros trabalhos, quer genéricos (SÈRONIE-VIVIEN 1982) (BALFET 1983), quer específicos (LEENHARDT 1969) (NOLEN 1985) (ROS SALA 1989) (OLTRA 1991) ou até sínteses (BELTRÁN 1990) (TUFFREAU-LIBRE 1992) permitem-nos congregar elementos e adaptá-los à descrição da cerâmica comum romana que estudamos.

Para facilitar o estudo decompomos o vaso cerâmico nos diferentes elementos que o formam. Consideramos o bordo, o lábio, o colo, o bojo ou corpo, a base e a asa.

Bordo — extremo final do lábio;

Lábio — parte superior ou remate do colo. No caso deste não existir, é a parte superior do bojo ou corpo.

Colo — zona do vaso compreendida entre o lábio e o corpo. Corpo - zona

---

<sup>2</sup> Escavação realizada em 1988 e 1989 pelo Serviço Regional de Arqueologia do IPPC, com a colaboração da Câmara Municipal de Penafiel e sob a responsabilidade dos arqueólogos Gilda Pinto, Lino Dias, Teresa Soeiro.

<sup>3</sup> Escavação feita no âmbito dos Serviços de Arqueologia do IPPC em 1982 sob a direcção de Lino Dias.

da base do colo ao apoio do vaso.

No caso em que não há colo é a zona entre o lábio e a base.

Base — zona de apoio ou sustentação do vaso, com ou sem pé.

Asa — parte saliente, em geral curva e fechada, propositadamente feito para se pegar.

Quando conveniente, para efeitos de descrição mais pormenorizada, nas variantes com perfil esférico, elipsoidal e ovóide com aperto inferior, dividimos o corpo em duas zonas. Denominamos *ombro* o terço superior do corpo, e de *bojo* os 2/3 inferiores.

Indicamos a espessura da parede do corpo porque é demonstrativo do maior ou menor requinte e cuidado posto pelo oleiro no fabrico da peça para além de ser um indicador da qualidade dos barros. A medida é feita com craveira no ponto mediano do corpo, entre a base e o colo ou o lábio quando aquele não exista.

Na descrição fazemos, por vezes, referência a *Fundo*, considerando este como a face interna da zona de apoio ou sustentação do vaso.

Sempre que possível apontamos a altura da peça e o diâmetro da boca. Para esta medição consideramos, respectivamente, a linha vertical ao centro da peça e a distância na horizontal entre os dois pontos mais exteriores do bordo. Terminamos a descrição de cada peça indicando, sempre que possível, a sua capacidade em decilitro.

Para a descrição baseamo-nos num esquema gráfico (Est. I).

#### **Variantes de Bordos:**

1. bordo de extremo arredondado
2. bordo de extremo circular
3. bordo de extremo plano
4. bordo de extremo oblíquo
5. bordo de extremo ponteagudo
6. bordo de extremo côncavo
7. bordo de extremo convexo
8. bordo de extremo moldurado

#### **Variantes de Lábio:**

1. Lábio voltado para o exterior
2. Lábio voltado para o exterior com engrossamento interno
3. Lábio pendente voltado para o exterior
4. Lábio pendente voltado para o exterior, com engrossamento interno
5. Lábio voltado para o interior
6. Lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo

7. Lábio inclinado para o exterior com perfil externo convexo
8. Lábio inclinado para o exterior com perfil externo recto
9. Lábio vertical
10. Lábio inclinado para o interior.

**Variantes de Colos:**

A descrição é considerada a partir do eixo de simetria da peça.

1. Colo paralelo-Paredes paralelas ao eixo de simetria
2. Colo convergente - Próprio das formas abertas, as paredes tendem a unir-se num ponto no fundo da peça
3. Colo divergente - Próprio das formas fechadas, as paredes tendem a separar-se no fundo da peça
4. Colo bicurvo - próprio das formas fechadas, perfil exterior curvo e côncavo. As linhas imaginárias a-b e c-d que unem o início e o fim da curvatura são paralelas

**Variantes de Corpo:**

1. Perfil esférico
2. Perfil elipsoidal
3. Perfil ovoide com aperto na zona superior
4. Perfil ovoide com aperto na zona inferior
5. Perfil cilíndrico
6. Perfil exterior curvo e côncavo
7. Perfil trococónico
8. Perfil troncocónico invertido

**Variantes de Bases:**

1. Assentamento discoidal
2. Assentamento discoidal com engrossamento externo
3. Assentamento em aresta
4. Assentamento em aresta com engrossamento externo
5. Assentamento anelar, com pé
6. Assentamento anelar com pé desenvolvido
7. Assentamento em aresta com engrossamento externo e canelura concêntrica
8. Assentamento discoidal com engrossamento externo e canelura concêntrica

**Variantes de asas:**

- 1 e 2. Asa de fita simétrica

3. Asa de fita assimétrica
4. Asa de rolo
5. Asa de duplo rolo

**Motivos decorativos:**

1. Linha recta horizontal
2. Linha recta vertical
3. Linha recta oblíqua
4. Linhas rectas horizontais paralelas
5. Linhas rectas verticais paralelas
6. Linha quebrada em zig-zag
7. Linha ondulada
8. Reticulado oblíquo
9. Reticulado horizontal-vertical
10. Com carretilha
11. Cordão anelar
12. Canelura
13. Circulos

As caneluras e os cordões anelares são usados para separar o colo do corpo ou para neste separar o ombro do bojo.

Num estudo deste tipo a perspectiva funcional da peça tem um interesse secundário. Apesar disso, e porque facilita a identificação, não queremos deixar de apresentar a relação entre o nome por que é conhecida e a sua função.

1 — Pote - Recipiente “fechado”, com ou sem colo, utilizado normalmente para armazenar alimentos, tais como sal, azeitonas, mel, frutas, embora pudesse também servir para cozinhar.

São vulgares os potes sem asa, embora identifiquemos também alguns exemplares com uma ou duas asas. Têm normalmente uma base com diâmetro superior a 40mm.

Identificámo-los com as formas 1, 2, 3 de *Bracara Augusta* (MARTINS e DELGADO 1989-90 169).

2 — Potinho - Pode considerar-se uma variante do pote e assim designado por ser de dimensão mais reduzidas. Serviam certamente para líquidos, provavelmente para ir à mesa. Quando com asa, esta é pequena e permite pegar na peça com três dedos. Têm normalmente uma base com diâmetro inferior a 40mm.

Identificámo-los com as formas 1 e 2 de *Bracara Augusta.*, bem assim como as duas formas ali referidas como púcaros.

3 — Jarro - (*lagoena*) Geralmente com corpo semelhante ao dos potes, distinguem-se daqueles por terem o colo mais alto e bem vincado e terem sempre

asa. Serviam para levar líquidos à mesa.

4 — Bilha - Recipiente “fechado”, geralmente com colo alto paralelo ou divergente, raramente bicurvo, corpo esférico, com uma ou duas asas, base normalmente discoidal ou em aresta. Serviam para transportar e armazenar líquidos.

Identificámo-las com as formas 1, 2 e 3 de *Bracara Augusta*..

5 — Taça - Recipientes “abertos”, fundos, corpo troncocónico invertido, utilizados, por exemplo, para armazenar fruta e levá-la à mesa.

6 — Tijela - (*acetabulum, scutella*) Sob este nome há uma grande quantidade de variantes. Há tijelas com diferentes aspectos, não só porque serviam para uso na cozinha mas também para ir à mesa. Há muitas semelhanças com as Taças.

7 — Copo - (*caucus*) Recipiente de pequenas dimensões usado para beber. É geralmente identificado por ter o lábio com diâmetro idêntico ao do corpo.

8 — Panela - (*olla*) Utilizado normalmente para cozinhar alimentos, poderia também servir para os armazenar. Predominantemente com corpo ovóide ou cilíndrico e base discoidal, podiam ser usados com testro (*operculum*).

9 — Prato - (*discus, catinus*) -de forma geral serviam para ir à mesa. Predominam os pratos com corpo troncocónico invertido, lábio com perfil recto para o exterior ou inclinado para o exterior com perfil convexo, base discoidal.

10 — Frigideira - com formas semelhantes à maioria dos pratos, identificámo-las pelos sinais evidentes na face exterior de terem servido para irem directamente ao fogo.

## FABRICO

Perante a variedade de fabricos e porque ainda não temos resultados da análise de constituintes da pasta e a informação sobre as temperaturas de cozedura, optamos por fazer uma observação macroscópica na perspectiva do utilizador, em que associamos o tipo de pasta, a forma e o acabamento.

Na indicação de cores para descrição de pastas cerâmicas seguimos o código CAILLEUX, indicando-se a cor em português, e a referência codificada, composta por uma letra maiúscula e número.

As indicações cronológicas são feitas com referência exclusiva às estratigrafias de *Tongobriga* e nestas foi determinante o estudo das Sigillatas. O estudo destas cerâmicas de importação recolhidas nas escavações de *Tongobriga* tem vindo a ser feito por Conceição Lopes, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

Constituímos 14 grupos, alguns deles subdivididos e identificados com as letras maiúsculas A e B. O critério para a constituição dos grupos baseou-se simultaneamente no facto do número de exemplares recolhidos ser significativo,

e no facto das recolhas terem sido feitas em distintas estratigrafias de diferentes zonas (termas e forum, zonas habitacionais e necrópole).

**Grupo 1** – Pasta granulosa, grosseira, constituída por materiais pouco calibrados, cerne predominantemente cinzento- N92 ou P92. Superfícies somente alisadas geralmente cinzento róseo-N70 ou cinzento-N71, sem qualquer engobe. Predominância de potes, vulgarmente com sinais de terem ido ao fogo, o que faz pensar que podem ter servido também como painéis eventualmente com teste.

Cronologia – cerâmicas deste grupo aparecem enterradas em *Tongobriga* com cerâmicas coevas de Vespasiano, pelo que eram usadas durante o séc. I d.C. até aos Flávios. No entanto é um tipo de material que identificamos em uso durante a primeira metade do séc. II.

**Grupo 1A** – Aspecto macroscópico da pasta e acabamento idêntico ao grupo 1 embora a pasta apresente cor castanha muito pálida-M71 e face exterior cinzento róseo-N70. As peças deste grupo apresentam um aspecto mais gresoso e endurecido pela cozedura que as do grupo 1.

Predominância de pratos e jarros.

Cronologia – séc. IV.

**Grupo 2** – Pasta rosea-M49. Acabamento com alisamento, na face exterior geralmente feito na vertical sobre o qual era deitado um engobe vermelho claro-N39. Identificamos taças, potes e pratos.

Cronologia – séc. Id.C. até Flávios.

**Grupo 3** – Pastas constituídas por materiais pouco calibrados, pouco cuidadas, cerne cinzento claro-M92. Faces com acabamento por alisamento feito com trapo húmido que o oleiro ía mergulhando em água, proporcionando colorações castanho escuro-R69 e castanho claro-N69. Eram fabricadas peças de médias dimensões, tais como alguidares, potes e jarros.

Cronologia – séc. I, até aos Flávios. Algumas ocorrências no séc. II.

**Grupo 3A** – Pasta de cor castanha muito pálida-M71 e rosea M-70, com bastante cerâmica moída. Com esta pasta eram feitas peças grandes com paredes espessas e pratos. Aquando do alisamento era deitada uma aguada que penetrava na pasta, dando à superfície uma coloração castanha muito pálida-M71.

Cronologia – coevo de material de 325-400 d.C.

**Grupo 4** – Pasta constituída por materiais pouco calibrados, aspecto gresosa, geralmente com cerne e superfícies de cor igual, vermelho claro-M39 ou M49. nas peças mais espessas o cerne é por vezes cinzento-M30 ou cinzento róseo-M31 Faces com acabamento por alisamento.

Cronologia – séc. I e séc. II.

Obs: Algumas peças, especialmente as de paredes mais espessas, apresentam o cerne cinzento -N92 ou P92, podendo assemelhar-se ao grupo 2. No entanto as peças do grupo 4 não receberam aguada aquando do alisamento.

**Grupo 5** – Pastas homogéneas que proporcionam cernes também homogéneos e roseos- M55 ou M69, constituída por materiais bem calibrados. Acabamento com muito bom alisamento exterior o que dá às peças uma aspecto exterior roseo -M67 para as de cerne M55 e castanho muito pálido- L75 para as de cerne M69.

São peças que o artesão fez com cuidado, até com algum requinte.

Em algumas peças foi deitada uma fina aguada, acentuando-lhes a coloração rosea-M49 ou castanho/vermelho claro-N55. Em algumas peças encontramos decoração exterior com linha e canelura ondulada feita por incisão.

Cronologia – Identificamos alguns exemplares enterrados em finais do séc. I e em estratos do séc. II. Este tipo de cerâmica teve, com certeza, o seu auge durante o séc. II.

**Grupo 5A** – Pastas ligeiramente mais cuidadas/purificadas e muito calibradas, já que são usadas no fabrico de peças de pequenas dimensões, o que motiva também bons alisamentos que dão à face exterior uma coloração castanha muito pálida-L75 ou amarelo pálido-L77.

Similar à pasta E das necrópoles de *Bracara Augusta*<sup>4</sup>.

Cronologia – Idêntica à do grupo 5 mas cujas formas acompanham material coevo de Augusto/Nero/Flávios.

**Grupo 5B** – Pasta menos purificada e calibrada que a dos grupos 5 e 5A, mais porosa, menos homogénea e compacta com coloração castanha avermelhado claro-N55.

Estas pastas proporcionam peças bem cozidas, cujo acabamento exterior é feito por alisamento e até algum polimento com coloração castanha avermelhado claro-P45 e P47.

Peças de formas idênticas às do grupo 5 e 5A. São frequentes os potinhos, jarros e pratos, cujas fracturas têm a particularidade de apresentarem um aspecto de lascamento.

Cronologia – 2ª metade do séc. III/início séc. IV.

**Grupo 6** – Pasta pouco calibradas e muito porosa, cerne e paredes róseos-N20, de fácil degradação, tanto mais que a face exterior foi sujeita tão só a um fraco alisamento.

Cronologia – acompanham no enterramento cerâmica fina cinzenta Rigoir decorada- séc. V.

**Grupo 7** – Pasta muito bem calibrada e purificada, cerne cinzento claro-M92. Faces roseas- M70 ou castanho muito pálido- M71, embora a face exterior tome por vezes tonalidade cinzenta mas algo irregular. Peças com muito bom alisamento nas faces interior e exterior. Algumas formas imitam sigillatas.

Cronologia – Flaviano e séc. II.

<sup>4</sup> Informação da Dr<sup>a</sup> Manuela Delgado.

**Grupo 7A** – As peças com esta pasta têm paredes “finas”. No entanto e devido a esta pouca espessura, algumas partículas de maiores dimensões na pasta provocavam irregularidade nas faces interior e exterior. Boa cozedura, cerne cinzento-M31, face exterior rosea-M49, interior com vincos horizontais especialmente junto ao fundo.

Cronologia – Séc. IV.

**Grupo 8** – Pasta pouco calibrada e constituída por materiais graníticos grosseiros, cerne cinzento-P92 e paredes alisadas cinzentas-R73. Há algumas peças que apresentam cerne cinzento claro-M91 e face exterior da mesma cor.

Peças com paredes espessas e faces alisadas.

Uso vulgar em grandes potes e em dolia.

Cronologia – Séc. I a V.

**Grupo 9** – Pasta de aspecto gresoso, cerne amarelo avermelhado-M20, faces grosseiramente alisadas de cor castanho/vermelho claro-N35 e vermelho claro (laranja) -N39.

Cronologia – acompanha em *Tongobriga* enterramentos com cerâmica cinzenta fina Rigoir-séc. V.

**Grupo 10** – Pasta porosa que absorve bem a água, com acabamento exterior só com alisamento, o que lhes dá a coloração castanha muito pálida-L75. Cerne, por vezes cinzento claro-M92. Fabrico predominante de potes e jarros.

Cronologia – Finais do séc. III/séc. IV.

**Grupo 10A** – Fabrico idêntico ao 10 só que recebe pintura.

Cronologia – A mesma do grupo 10.

**Grupo 10B** – Pasta homogénea rosea-M67, com abundantes fragmentos de cerâmica moída, geralmente com paredes pouco espessas. Acabamento exterior feito por bom alisamento e posterior engobe, dando à peça a coloração castanho claro-M45.

Cronologia – 2ª metade do séc. III/1º quartel do séc. IV.

**Grupo 11** – Pastas vermelho-amarelo P57 constituídas por materiais calibrados, paredes que após serem alisadas ficam com coloração castanha, engobe espesso avermelhado-P19 no interior, cobrindo o bordo exterior. Este fabrico é vulgar em pratos.

Cronologia – séc. IV.

**Grupo 11A** – Pasta rosea-M49, homogénea no cerne e paredes. Acabamento exterior e interior com alisamento que salienta as micras. Após o alisamento foi deitada no interior e bordo uma aguada vermelha -S15/17.

Cronologia – acompanham em *Tongobriga* cerâmica cinzenta fina Rigoir. - Séc. V.

**Grupo 12** – Pasta pouco calibradas, de aspecto gresoso, cerne cinzento-N71 ou vermelho-R19 e superfícies castanho escuro/vermelho pálido-R30. Vulgar em

jarros e pratos.

Cronologia – Final séc. III/séc.IV.

**Grupo 13** – Pasta homogénea, pouco compacta, salientando-se areias de maiores dimensões, cerne cinzento claro-M13, peças de cor cinzento claro-M 31, alisamento exterior que a escurece ligeiramente-N31, geralmente decorada por forte polimento feito com uma pequena pedra rolada (godo). As decorações são geralmente linhas quebradas em zig-zag feitas no colo e no ombro ou, mais raramente, feitas com carretilhas no corpo.

Cronologia – usada até meados do séc. I.

**Grupo 13 A** – Pasta homogénea, por vezes bem depurada e calibrada, com cerne cinzento-L73, M73, L92. Vulgarmente chamada cinzenta fina polida. Peças com paredes “finas”, bem alisadas e polidas exteriormente, provocando-lhes coloração cinzenta-N73, P73 e R73. Geralmente as formas são pequenas, com predominância dos potinhos com e sem asa. A maioria das peças deste fabrico são decoradas com linhas rectas oblíquas, verticais paralelas e linhas quebradas em zig-zag., as quais são feitas por polimento muito forte com uma pequena pedra rolada (godo), depois do alisamento da peça.

Cronologia – acompanha material de Augusto, Cláudio, Nero, Flávios, embora com ocorrências na primeira metade do séc. II.

**Grupo 14** – Pasta de estrutura homogénea, com desengordurante abundante constituído por grãos de quartzo, cor creme/castanho muito claro K71. Peças com paredes bem alisadas interior e exteriormente, sobre as quais foi deitada aguada que dá coloração alaranjada M40 ou N40. A maioria das peças é decorada cuidadosamente a guiloché. Predominam as formas que imitam sigillata, nomeadamente a Dragendorf 29. Identificam-se também potes com parede delgada e duas pequenas asas horizontais.

Quer pelas pastas, quer pelas formas e acabamentos, estas cerâmicas são similares às identificadas em Conímbriga (ALARCÃO e MARTINS 1976, 91-109) e vulgarmente chamadas “bracarenses” no Norte de Portugal e na Galiza.

**Grupo 14A** – Pasta semelhante à do grupo 14, embora com o cerne cinzento muito claro L73. Também o acabamento é idêntico ao grupo 14, embora a decoração a guiloché predomine sobre os bordos das formas Dragendorf 35/36.

Como síntese, apresentamos dois exemplos (Est. II) de descrição feitos de acordo com os descritores apresentados:

Bilha – Base de assentamento em aresta (94mm); corpo esférico (espessura da parede 4mm); colo divergente separado do ombro por uma anelura; lábio vertical e na zona final inclinado para o exterior; bordo circular. Duas asas de fita assimétrica saiem da zona superior do colo e ligam ao ombro. Diâmetro boca-62mm; Alt-292mm, capacidade: 47, 5 dl, grupo cerâmico 3A.

Taça-base de assentamento anelar (54mm), corpo troncocónico invertido (3,8mm) decorado com cinco linhas pintadas horizontais paralelas e círculos pintados no espaço entre a segunda e a terceira e entre esta e a quarta, lábio voltado para o interior decorado com linha pintada horizontal, bordo arredondado/ponteagudo. Diâmetro da boca-112mm, Alt-50mm, capacidade- 2, 54dl, grupo cerâmico 10A.

Podemos também fazer uma análise da dispersão dos diversos grupos cerâmicos pela região em estudo (Est. III). Saliendam-se desde logo duas proveniências: 1- as cerâmicas que obtivemos através de escavação e recolhidas nos alicerces de construção de edifícios em *Tongobriga* e Várzea do Douro; 2- cerâmicas recolhidas em necrópoles dos restantes sítios.

Desde logo observamos que as cerâmicas recolhidas nos alicerces são as de fabricos mais antigos, nomeadamente dos sécs. I e II, a que correspondem os grupos cerâmicos 1, 2 e 5.

Observados os espólios dos 12 sítios arqueológicos, os fabricos de maior dispersão são o 10, presente em 9 locais, o 3A e o 5B presente em 8 sítios, o 4 e o 6 que nos surgiram em 7 sítios, e o 11A, 5A e 10A, recolhidos respectivamente em 6 e 5 locais.

Para não alongar o texto, a análise comparativa das cronologias dos diferentes sítios arqueológicos pode ser feita pelos interessados através dos quadros de dispersão e cronológico, apresentados em anexo.

## BIBLIOGRAFIA REFERIDA NO TEXTO

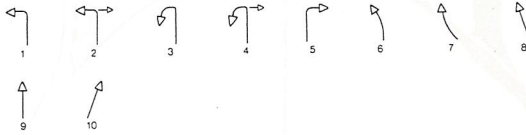
- ALARCÃO, A. (1979) A Cerâmica Romana em Portugal - reflexão sobre o seu estudo e publicação, *Revista da Beira*, 38, 3, Viseu.
- ALARCÃO, J. (1974) *Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga*, suplemento de *Biblos*, 8, Coimbra.
- BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT e MONZON, S (1983) *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*, Paris.
- BELTRAN, MIGUEL (1990) *Guia de la Cerámica Romana*, Saragoça.
- DELGADO, MANUELA (1984) Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante-Braga, *Lucerna*, Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão, Porto, 179-96.
- HERAS, M. GARCÍA e OLAETXEA, CARLOS (1992) Métodos y análisis para la caracterización de cerâmicas arqueológicas. Estado actual de la investigación en España, *Archivo Español de Arqueología*, 65, Madrid, 263-289.
- LEENHARDT, M. (1969) *Code pour le Classement et L'Étude des Poteries Médiévales (Nord et Nord-Ouest de L'Europe)*, Caen.
- LITTLE, G. M. (1990) *The Technology of the Pottery Production in Northwestern Portugal during the Iron Age*, *Cadernos de Arqueologia*, Braga.
- MARTINS, M. e DELGADO, M (1989-90) - As Necrópoles de Bracara Augusta: A. Os

- dados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, Braga.
- NOLEN, JEANNETTE U. S. (1985) *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa.
- OLTRA, J. MARTI (1991) La Clasificación de Materiales Cerámicos. Algunas reflexiones sobre experiencias anteriores y propuesta de sistema, *Jornadas Internacionales Arqueología de Intervención*, San Sebastian, 253-77.
- ROS SALA, M. MILAGROSA (1989) *La Pervivência del Elemento Ibérico: La Cerâmica Ibérica*, Murcia.
- SÉRONIE-VIVIEN, M. R. (1982) *Introduction à L'Étude des Poteries Préhistoriques*, Bordéus.
- TUFFREAU-LIBRE, MARIE (1992) *La Ceramique en Gaule Romaine*, Paris.

BORDOS



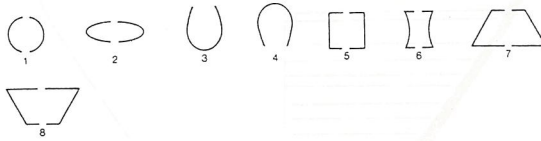
LABIOS



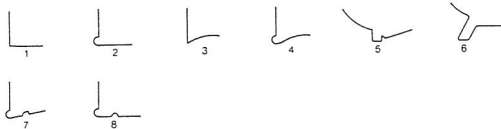
COLOS



CORPOS



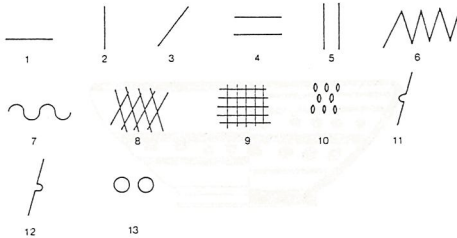
BASES



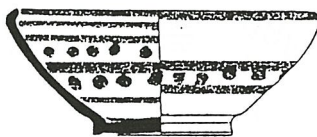
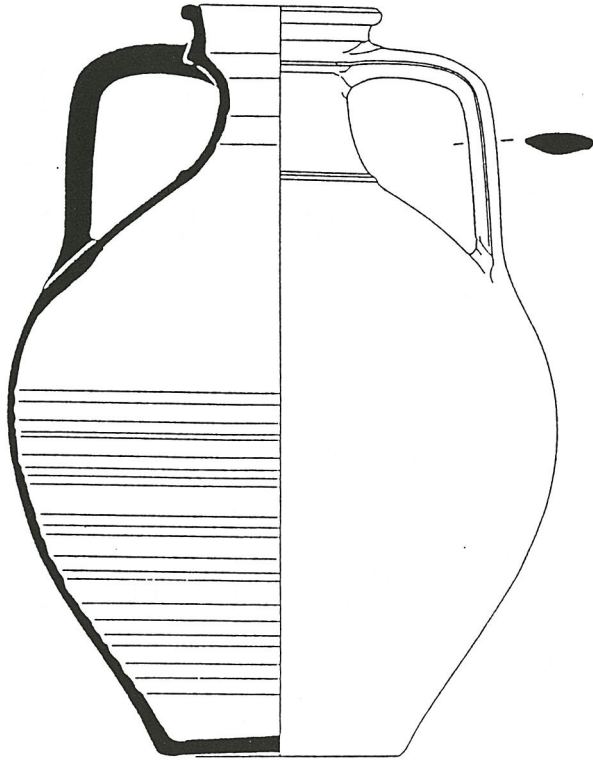
ASAS



MOTIVOS DECORATIVOS



Est. II



esc. 1/3



Est. IV

